

Apresentação da revista e agradecimentos

A revista *Convergências: estudos em Humanidades Digitais* foi criada há quase nove meses e desde então vem dedicando-se a abrir diálogo nacional e internacional para o debate acadêmico. Compreendemos rapidamente que existe a necessidade de se abrir para novas perspectivas e conectividades, por um lado, e de produzir reflexões sobre novos temas, por outro, como são os que compõem o segundo volume deste ano de 2023: interculturalidade, educação e mídias digitais com foco para o chamado Sul Global (América Latina e África).

Atualmente, integramos, de forma direta, o Grupo de Pesquisa em Mídias, Tecnologias e História, da Universidade Federal do Tocantins, coordenado pelo Prof. Dr. George Leonardo Seabra Coelho. Desde de 2020, ano de sua fundação, o grupo promove inesgotáveis debates e abordagens em seus eventos que se ligam aos assuntos deste segundo número. Tais eventos têm sido essenciais para aguçar nossa percepção a respeito da relação coletiva entre a CONEHD e o MITECHIS, como também da relevância de investigações mais inclusivas para o periodismo acadêmico no Brasil.

Observamos, assim, que a missão tanto da revista quanto do grupo de pesquisa está de certa forma sendo cumprida, qual seja, a de concretizar a democratização da informação e tecnológica e seu acesso qualitativo. Por isso mesmo, as nossas ações dão tônica às TDIC, à História e às Humanidades Digitais.

Acrescentamos, agora, a experiência do nº. 2, aqui publicado, que visou compreender a interculturalidade por meio das dimensões da educação e das mídias e plataformas digitais. Um novo espaço digital de divulgação científica foi concebido pelo aceite do convite da pesquisadora Profa. Dra. Raquel Alves de Carvalho e dos pesquisadores Prof. Dr. Alfredo Rajo Serventich e Prof. Dr. Daniel Valério Martins, aos quais, desde já, agradecemos pela importante contribuição.

A interculturalidade pode ser apreendida como conceito e categoria analítica. Na Educação e História, ela atribui importância no reconhecimento e valorização da diversidade cultural, de modo a promover a troca de experiências de grupos distintos. O papel que a historiografia desempenha, nesse sentido, é o da interpretação e análises sobre como as narrativas históricas são/devem ser construídas. Para tanto, é essencial que as e os

pesquisadores considerem a multiplicidade de vozes e perspectivas, apontando para a diversidade e amplitude e complexidade do passado.

A historiografia resultante deste segundo volume é múltipla e rica em debates, sobretudo porque são objetos que estão presentes na agenda científica e política nacional e transnacional. O artigo em língua espanhola, “La Interculturalidad en México: sentido de la Educación-comunicación popular e interculturalidad”, de Alfredo Rajo Serventia, discute a necessidade de se tornar visíveis aqueles que foram tornados invisíveis pela sociedade de consumo capitalista e pelo atual estado do capitalismo.

João Vitor Martins Lemes no artigo “A Interculturalidade cabe no Direito?: a negação das diversidades no âmbito do Estado, as possibilidades no processo constituinte brasileiro de 1988 e a alternativa desde o novo constitucionalismo democrático latino-americano”, traz à baila quais seriam as alternativas que efetivam o reconhecimento e possibilidades para a construção de um Estado em que caiba a noção de interculturalidade.

André Luan Nunes Macedo no artigo “A História do eurocentrismo a partir da plataforma Google Ngram”, visa o entendimento das razões pelas quais dos primeiros aparecimentos do conceito de eurocentrismo por meio de uma leitura do “clima histórico” da época. Em “Branquitude multifacetada e colonialidades na África do Sul contemporânea”, Paola Diniz Prandini discute, a partir do conceito de “branquitude multifacetada”, de que maneiras as feridas entreabertas do colonialismo europeu estabelecem colonialidades recortadas pela imposição da branquitude enquanto hegemonia. Do ponto de vista da Ciência da Informação, Priscilla Pereira Gonçalves, no artigo “Colonialismo de dados e a reprodução de colonialidade: opacidade como fator chave”, busca compreender como a opacidade ganhou centralidade estratégica na reprodução de colonialidade nas relações sujeito e cultura digital.

O artigo “Tecnologias Ancestrais: Ensino de História e relações étnico-raciais”, de João Paulo Carneiro contribui para a discussão sobre a produção de saberes a partir da temática das relações étnico-raciais em uma ferramenta digital disponível a professores e alunos, utilizando como fonte documentos oficiais dos sites Rio Educa, Educopédia e Educopédia. No artigo “Estudos decoloniais. Participação da juventude indígena nas mídias digitais no contexto da história social”, Tadeu Kaingang abordou um diagnóstico da participação da juventude indígena sobre o aspecto da arte e cultura ao tema humanidades digitais e estudos decoloniais. O trabalho de José Luiz Xavier Filho, “Educação Antirracista e o compromisso ético-político da Educação: não existe lápis cor de pele”, parte de reflexões

produzidas de um projeto pedagógico interdisciplinar no ensino básico em Pernambuco. Tal trabalho ajudou a fortalecer a autoestima de estudantes negros(as) ou pretos (as), que se reconhecem nestes contextos e abordagens.

Com base em suas vivências, Fabrício dos Santos Leite, no artigo “Um diálogo sobre História Oral: contributos para novos pesquisadores”, compartilha com os leitores uma pesquisa que teve por objetivo compartilhar a metodologia da história oral como uma prática histórico-metodológica exitosa, com ênfase em comunidades quilombolas. O artigo de Márcia Severino dos Santos, “História Pública e a Lei 10.639/03 acerca da obrigatoriedade do Ensino de História e cultura afro-brasileira: diálogos com a coluna ‘Nossas Histórias’ do site Geledés”, busca compreender como a História Pública pode ser utilizada para a aplicação da Lei 10.639/03 no país, oferecendo subsídios ao professor de História do ensino básico para tratar de temas sensíveis como a escravidão, inserção social, econômica e política dos negros e negras na sociedade brasileira pós-abolicionista e do racismo por meio de sequências didáticas.

Além dos trabalhos mencionados, abordagens inovadoras também foram trazidas na seção **Fluxo Contínuo** da revista. No artigo “A Freguesia do Caminho Novo e a distribuição espacial da riqueza na primeira metade do século XVIII”, Rafael Laguardia verifica como ocorreu a distribuição da riqueza nas sesmarias da freguesia do Caminho Novo no século XVIII e investiga a existência de um padrão espacial da riqueza. Do ponto de vista do conhecimento histórico e pedagógico, Pedro Eduardo Andrade Carvalho, em seu artigo “Explorando os potenciais e enfrentando os desafios para o uso do ChatGPT em sala de aula: desafios históricos e pedagógicos”, avalia uma nova ferramenta de Inteligência Artificial (IA) que vem se tornando popular entre estudantes e professores dos ensinos médio e fundamental no Brasil.

Em “Notas sobre o real, simbólico e o imaginário social: a loucura significada na sociedade”, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos busca compreender os dispositivos que levam a patologização da diferença, o lugar e qual desígnio o saber sobre a loucura é construído. Sua pesquisa aponta que a loucura obteve qualificação por meio de uma construção social, que defende valores impostos por uma autoritária classe dominante. O artigo “Cinema e sociabilidade na cidade (Currais Novos/RN, 1920-1990)”, de Fabiana Alves Dantas, trata das relações sociais estabelecidas no espaço do cinema em pequenas cidades, reforçando a relação existente entre o cinema e as transformações sociais decorrentes de processos de modernização no âmbito da cidade.

O artigo de Lucas Silva de Oliveira “Ele é a lei: anticomunismo e guerra nuclear nas Histórias de Juiz Dredd (1978-1982)” analisa quadrinhos e tiras do personagem Dredd, juiz, júri e executor entre 1977 e 1991. A partir disso, aponta as representações do período de retomada da corrida nuclear e armamentista pelos Estados Unidos e União Soviética. Em “Medicina Popular e Acadêmica: Da Colônia ao Império Brasileiro”, Bruno Paiva examina saberes, práticas, teorias e técnicas medicinais, que circularam no Brasil, no período Colonial e Imperial. O autor observa várias práticas e abordagens medicinais, tanto popular, quanto acadêmica, executadas por indígenas, europeus, africanos e brasileiros.

Em seu artigo “Ferramentas educacionais digitais: uma discussão baseada nas percepções de professores de uma Escola Estadual do Município de Almas-TO”, Lucivânia Rodrigues da Silva constata que os docentes usam as tecnologias digitais como ferramentas educacionais de ensino-aprendizagem, das quais, no período pandêmico foram adaptadas, da aula física à videoaula, tendo um uso instrucionista no processo educativo, nos qual o professor pelo seu sentimento de ansiedade e angústia. Alex Rosa no ensaio “Clique na opção não sou um robô” busca discutir a possibilidade de se atribuir um estatuto ontológico às máquinas a partir dos principais argumentos utilizados para caracterizar e diferenciar humanos de animais e máquinas, identificando as condições de existência das máquinas.

Samantha Harume Figueiredo Inoue no artigo “História, podcast e formação de professores: o uso de podcast no ensino de História, experimentações do PIBIDHistória-UFCAT” propõe uma reflexão sobre a importância e possibilidades do podcast no Ensino de História, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental II. A partir disso, a autora aborda a relação entre tecnologias digitais, sociedade, escola e aluno.

Além dos artigos e ensaios, esta edição também conta com a seção de **resenhas**. Entre elas, a de Francisco Efraín Dionisio Pérez do livro PEREZ, Francisco Efraín Dionísio. *Ri nimalaaj Tzijob'al: Historia de la Iglesia católica en Santa María Visitación*. Guatemala: Cyan, 2023.

Já Israel Aquino Cabreira resenha o livro KERSCHBAUMER, Florian, KEYSERLINGK-REHBEIN, Linda von, STARK, Martin, DÜRING, Marten (Eds.). *The Power of Networks: Prospects of Historical Network Research*. Londres / Nova York: Routledge, 2020. 288p.

Por fim, Alexandre Bartilotti Machado resenha o livro de LIMA, Sávio Queiroz. *Mulher Maravilha para Presidente!: História, feminismos e mitologia nas histórias em quadrinhos*. Salvador: Devires, 2019. 234p.

A revista CONEHD é transdisciplinar e destinada à publicação eletrônica. Preza pela qualidade e inovação de pesquisas concluídas ou em andamento, conectando a área da computação às disciplinas das Ciências Humanas e Sociais. O Corpo Editorial apresenta trabalhos científicos inéditos, cujos autores se apropriaram da tecnologia digital, aplicando-a a estudos em humanidades. Além de pesquisas que usam as humanidades para estudar a tecnologia computacional e seus efeitos nas relações humanas e na sociedade. Os editores expressam o mais profundo e sincero agradecimento a todas as pessoas que avaliaram os artigos *ad-hoc*, as que fizeram a editoração e a comunicação nas redes sociais da revista. Agradecemos, por fim, ao Instituto Federal de Goiás e à Universidade Federal do Tocantins.

Desejamos ótima leitura. Boas-vindas à **Convergências**...